

ANÁLISE CRÍTICA DA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Discente: Pedro Henrique Breder Stofel

A Confissão de Fé de Westminster é um documento produzido no século XVII por vários representantes de igrejas de cunho reformado. Essa confissão é adotada pela Igreja Presbiteriana do Brasil como um símbolo de fé. Além da confissão, temos dois catecismos: breve e maior.

A confissão é constituída originalmente por 33 capítulos que contem as doutrinas principais do pensamento reformado. Já os catecismos trazem o conteúdo da confissão de forma mais resumida e com um esquema de perguntas e respostas, próprio para o discipulado e ensino, por exemplo.

A confissão começa em seu primeiro capítulo falando a respeito da revelação especial de Deus. Ela define quais livros são Palavra infalível de Deus, contrapondo os apócrifos acrescentados pela Igreja Católica.

Uma vez estabelecido qual o nosso parâmetro para construir todo o escopo de doutrinas, a saber, as Escrituras Sagradas, o capítulo dois fala a respeito do Deus Trino. Aqui temos atributos de Deus e um pouco da economia da Trindade Santa.

Após esse “preâmbulo”, temos a primeira seção dos temas que constituem nossa confissão de fé. Do capítulo três ao cinco vemos os teólogos do passado discorrendo sobre a soberania de Deus. No capítulo três temos a afirmação da vontade decretiva de Deus, que pode ser em parte observado desde a criação trabalhada no capítulo quatro e nas obras de providência contidas no capítulo cinco.

A Confissão de Fé de Westminster, doravante CFW, afirma que o universo fora criado por Deus num espaço de seis dias e que o ser humano é diferente dos outros seres criados, pois são formados à imagem e semelhança de Deus. Além disso, esse mesmo Deus dirige e sustenta toda a criação, controlando a história para o louvor da sua glória.

O capítulo sete fala sobre o problema do homem – o pecado. Para entendermos a graça de Deus e sua obra redentora, devemos, primeiro,

compreender nossa real condição. A CFW defende a doutrina do pecado original que, desde Adão, está presente em todos os seres humanos. Todos estão afastados de Deus por causa desse pecado necessitando, portanto, de um mediador e Salvador.

Do capítulo sete até o dezoito, temos a *ordo salutis*, ou seja, a ordem da salvação. Tudo começa com o pacto de Deus com o seu povo. E é importante salientar que a CFW afirma que esse pacto é o mesmo pacto do Antigo Testamento. O capítulo oito fala sobre Cristo como o mediador desse pacto da graça.

No capítulo nove, temos o entendimento reformado sobre o livre arbítrio. Não temos uma afirmação categórica de que não possuímos livre arbítrio, pelo contrário. O homem por natureza tem um livre arbítrio, mas nossa confissão deixa claro que livre arbítrio quer dizer que a vontade do homem não é coagida. Ela quer dizer que o homem não é forçado por uma força externa maior que ele a fazer algo que ele não quer fazer.

Do capítulo 10 em diante temos as doutrinas relacionadas com a salvação do homem – soteriologia. Começando pela vocação eficaz (que um dos cinco pontos do calvinismo) temos dois aspectos: nossa eleição e nosso chamado externo que nos leva a conversão, passando pela regeneração.

No capítulo onze temos os aspectos da justificação. Nós não nos tornamos justos, mas somos declarados justos em Jesus Cristo. Essa afirmação é central, principalmente na Teologia Bíblica. E, uma vez justificados, somos adotados como filhos de Deus (capítulo doze) e começamos o nosso processo de santificação (capítulo treze), que nos acompanhará até o dia que nos encontraremos com Cristo.

Nesse meio termo, o capítulo quatorze, quinze e dezesseis falam de temas importantes para a vida cristã: fé, arrependimento e boas obras. Aqui, fica bem claro que não somos salvos por boas obras (mas pela fé que nos é dada), mas que elas fazem parte da vida de um crente. Além disso, é reforçada a ideia de que precisamos nos arrepender de nossos pecados, uma vez que somos pecadores.

E, para terminar essa seção, temos o capítulo dezessete e dezoito que falam da perseverança dos santos aguardando a tão esperada e desejada glorificação, tendo a certeza da salvação, uma vez que ela vem de fora de nós.

No capítulo dezenove temos uma descrição do entendimento reformado acerca da lei de Deus. Ela é o parâmetro que norteiam nossas vidas. E esse capítulo é uma “base” para entendermos os próximos capítulos que tratam de questões práticas das nossas vidas.

Como dito, do capítulo vinte ao vinte e seis temos a visão reformada sobre vários pontos que se referem a prática das nossas vidas. Temos a liberdade que temos em Cristo (que é muito mal compreendida no meio da igreja); assuntos relacionados à Igreja (eclesiologia) e à nossa vida civil (o magistrado civil).

Após esses assuntos, temos um capítulo sobre casamento e divórcio. Nossa confissão é clara ao dizer que os crentes devem casar-se no Senhor, e que o julgo desigual é pecado. Também afirma ser pecaminoso o divórcio, com a exceção levantada por Cristo.

Ainda dentro de eclesiologia, temos os capítulos vinte e cinco e vinte e seis que tratam da comunhão dos santos e das características de uma igreja do Senhor – o corpo de Cristo do qual nós fazemos parte.

Os capítulos vinte e sete ao vinte e nove, temos uma subdivisão dos assuntos eclesiásticos: os sacramentos. Começando por uma definição mais geral sobre o tema e terminando com uma riqueza de detalhes muito grande sobre os sacramentos bíblicos, ordenanças diretas de Jesus: batismo e eucaristia.

No capítulo trinta e trinta e um, temos outra subdivisão dentro de eclesiologia. Aqui vemos a definição e função dos sínodos e concílios, bem como a disciplina eclesiástica deve ser conduzida. A CFW não deixa dúvidas de que essa é uma marca da Igreja verdadeira.

Por fim, temos os capítulos trinta e dois e trinta e três. Aqui temos o que chamamos de escatologia – estudo das últimas coisas. Esses capítulos não entram em pormenores, mas deixam bem claro o juízo final, a volta de Cristo e a glorificação dos eleitos de Deus na eternidade.

Certamente este é um documento riquíssimo. Não só no seu aspecto histórico e teológico, mas também prático para todo cristão.

Como presbiteriano, sou um crente confessional e a CFW expressa meu ponto de vista sobre as doutrinas bíblicas. Claro que eu não a considero como infalível, tampouco no nível das Escrituras Sagradas, mas como um bom parâmetro doutrinário e uma boa estrutura sistemática de verdades bíblicas.

Creio que as igrejas, principalmente as históricas, deveriam se voltar à CFW como símbolos de fé, pois elas expressam com fidelidade os princípios e as doutrinas bíblicas.

Por fim, tenho que ressaltar o aspecto pedagógico da CFW. Ela foi construída de maneira bem didática em suas divisões e ordem de assuntos. Assim fica bem claro seguir uma linha de raciocínio para entender as verdades bíblicas sobre Deus, sobre o homem, sobre a salvação, sobre a Igreja, sobre a prática de nossas vidas e sobre como devemos aguardar a volta de Cristo, ansiando pela glorificação eterno com o Pai.